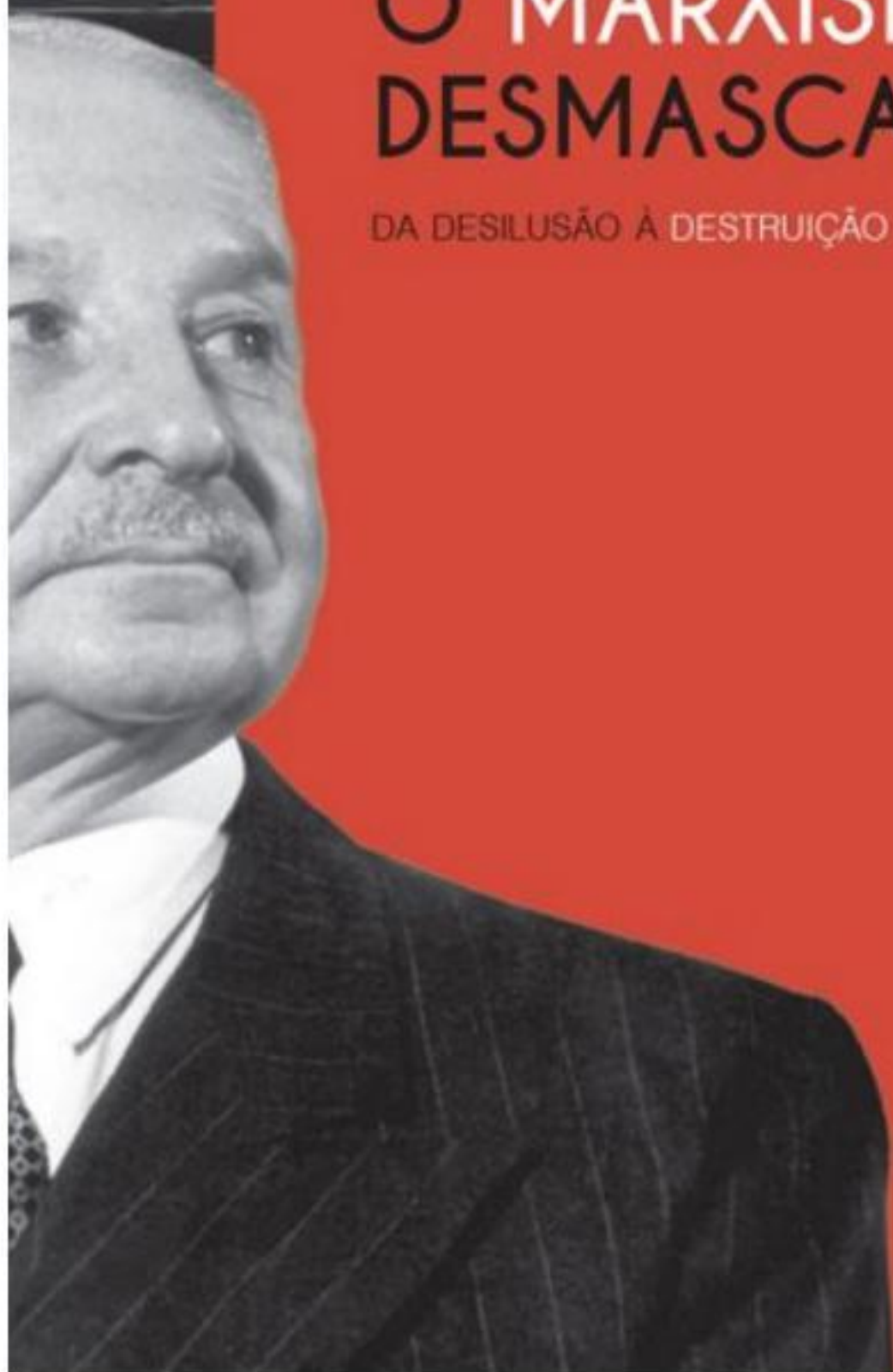


LUDWIG VON MISES

*Mises*

# O MARXISMO DESMASCARADO

DA DESILUSÃO À DESTRUIÇÃO



**LVM**  
EDITORA



Impresso no Brasil, 2019

Título original: *Marxism Unmasked: From Delusion to Destruction*

Copyright © 2006 by Foundation for Economic Education

Copyright do texto de Erik von Kuehnelt-Leddihn © 1997 by Ludwig von Mises Institute

Copyright do texto de Murray Rothbard © 1990 by Ludwig von Mises Institute

Os direitos desta edição pertencem ao Brasil

Instituto Ludwig von Mises Brasil

Rua Leopoldo Couto de Magalhães Júnior, 1098, Cj. 46

04.542-001. São Paulo, SP, Brasil

Telefax: 55 (11) 3704-3782

contato@mises.org.br · www.mises.org.br

*Editor Responsável* | Alex Catharino

*Curador da Coleção* | Helio Beltrão

*Tradução* | Maria Alice Capocchi Ribeiro

*Tradução da introdução e dos posfácios* | Claudio A. Téllez-Zepeda

*Revisão da tradução* | Márcia Xavier de Brito

*Revisão ortográfica e gramatical* | Carlos Nougué & Márcio Scansani

*Revisão técnica e Preparação de texto* | Alex Catharino

*Revisão final* | Márcio Scansani / Armada

*Produção editorial* | Alex Catharino

*Capa e projeto gráfico* | Rogério Salgado / Spress

*Diagramação e editoração* | Spress Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M678s

Mises, Ludwig von, 1881-1973

O marxismo desmascarado : da desilusão à destruição / Ludwig von Mises ; edição, introdução e notas por Richard M. Ebeling ; tradução de Maria Alice Capocchi Ribeiro ; apresentação à edição brasileira por Erik von Kuehnelt-Leddihn ; prefácio à edição Brasileira por Antonio Paim ; posfácio à edição Brasileira por Murray N. Rothbard. — São Paulo, SP : LVM Editora, 2019. Coleção von Mises 392 p.

ISBN: 978-65-50520-00-7

Título original: *Marxism Unmasked: From Delusion to Destruction*

I. Ciências sociais 2. Filosofia 3. Economia 4. Socialismo 5. Comunismo 6. Marxismo 7. Liberalismo I. Título II. Ebeling, Richard M. III. Ribeiro, Maria Alice Capocchi IV. Kuehnelt-Leddihn, Erik von V. Paim, Antonio VI. Rothbard, Murray N.

19-1425 CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor. A reprodução parcial é permitida, desde que citada a fonte.

*Esta editora empenhou-se em contatar os responsáveis pelos direitos autorais de todas as imagens e de outros materiais utilizados neste livro.*

*Se porventura for constatada a omissão involuntária na identificação de algum deles, dispomo-nos a efetuar, futuramente, os possíveis acertos.*

# Sumário

## Nota à Edição Brasileira

*Alex Catharino*

## Apresentação à Edição Brasileira

Os Alicerces Culturais de Ludwig von Mises

*Erik von Kuehnelt-Leddihn*

## Prefácio à Edição Brasileira

*Antonio Paim*

## Agradecimentos

*Foundation for Economic Education*

## Introdução

*Richard M. Ebeling*

## O Marxismo Desmascarado

Da Desilusão à Destruição

### Primeira Palestra

A Mente, o Materialismo e o Destino do Homem

### Segunda Palestra

Luta de Classes e o Socialismo Revolucionário

### Terceira Palestra

O Individualismo e a Revolução Industrial

### Quarta Palestra

Nacionalismo, Socialismo e a Revolução Violenta

### Quinta Palestra

O Marxismo e a Manipulação dos Homens

### Sexta Palestra

A Construção da Civilização Moderna: A Poupança, os Investimentos e o Cálculo Econômico

Sétima Palestra

A Moeda, os Juros e o Ciclo Econômico

Oitava Palestra

Lucros e Prejuízos, a Propriedade Privada e as Conquistas do Capitalismo

Nona Palestra

O Investimento Estrangeiro e a Essência do Capitalismo

Posfácio à Edição Brasileira

Karl Marx: O Comunismo como Escatologia Religiosa

*Murray N. Rothbard*

# Nota à Edição Brasileira

A presente edição do livro *O Marxismo Desmascarado: Da Desilusão à Destruição* de Ludwig von Mises (1881-1973), foi traduzida para o português por Maria Alice Capocchi Ribeiro, a partir da edição norte-americana publicada, em 2006, pela Foundation for Economic Education (FEE) com o título *Marxism Unmasked: From Delusion to Destruction*. A obra é uma transcrição feita por Bettina Bien Greaves das nove palestras ministradas pelo autor, sob patrocínio da revista *The Freeman: Ideas on Liberty*, na Biblioteca Pública de São Francisco, na Califórnia, nos Estados Unidos, entre os dias 23 de junho e 3 de julho de 1952. O livro em inglês foi lançado com uma introdução do professor Richard M. Ebeling, que na época ocupava o cargo de presidente da FEE.

Como em todos os títulos da Coleção von Mises, nesta edição foram adicionados mais alguns textos de outros autores. Um prefácio exclusivo para este volume foi escrito pelo professor Antonio Paim. Como apresentação e como posfácio acrescentamos as traduções de Claudio A. Téllez-Zepeda da biografia “The Cultural Background of Ludwig von Mises”, escrita pelo cientista político austríaco Erik von Kuehnelt-Leddihn (1909-1999) e lançada em 1997 na série *Studies in Classical Liberalism* pelo Ludwig von Mises Institute, bem como o ensaio “Karl Marx: Communist as Religious Eschatologist” do economista norte-americano Murray N. Rothbard (1926-1995), publicado originalmente na *The Review of Austrian Economics* (Volume 4, 1990).

Incluimos nos nove capítulos, bem como na apresentação e no posfácio, algumas notas de rodapé, elaboradas por nós e devidamente sinalizadas como Notas do Editor (N. E.), com os objetivos de definir termos e conceitos, referendar determinadas citações ou afirmações, esclarecer o contexto histórico-cultural de algum fato ou personagem mencionado pelo autor e indicar a bibliografia de obras citadas ou oferecer estudos complementares. Foram acrescentadas, também, algumas notas por Maria Alice Capocchi Ribeiro, identificadas como Notas do Tradutor (N. T.). As notas de rodapé sem nenhum tipo de sinalização, ao longo do texto das palestras de Ludwig von Mises, foram incluídas na edição original em inglês por Richard M. Ebeling, sendo que algumas delas, principalmente as com indicações bibliográficas, foram substituídas por notas do editor. O índice remissivo e onomástico do livro foi ampliado com inclusão de mais conceitos, nomes próprios de pessoas, locais e instituições, além dos títulos de obras citadas ao longo do presente volume.

Expressamos aqui a gradidão, em nome de toda a equipe do IMB e da LVM, pelo apoio inestimável que obtivemos ao longo da elaboração da presente edição de inúmeras pessoas, dentre as quais destaco os nomes de Lawrence W. Reed, Carl Oberg e Jeffrey Tucker da Foundation for Economic Education (FEE) e de Llewellyn H. Rockwell Jr., Joseph T. Salerno e Judy Thommesen do Ludwig von Mises Institute.

*Alex Catharino*

Editor Responsável da LVM

*“As críticas às doutrinas marxistas sempre foram superficiais, pois jamais salientaram como Karl Marx se contradisse e como não conseguiu explicar suas ideias”.*

*D<sup>o</sup> Ludwig Edler von Mises*

# Apresentação à Edição Brasileira

## Os Alicerces Culturais de Ludwig von Mises

*Erik von Kuehnelt-Leddihn*

**E** escrever para o público norte-americano a respeito dos alicerces culturais de Ludwig von Mises (1881-1973), um de meus eminentes compatriotas, implica em algumas dificuldades: como colocar o leitor em contato com um mundo radicalmente diferente do seu, um mundo distante, que em diversos aspectos não existe mais. Por exemplo, o lugar de nascimento deste eminente economista se localizou, por quase cinquenta anos, dentro dos confins da União Soviética. Quem foi este grande homem e acadêmico? Em qual ambiente viveu antes de ir para os Estados Unidos, onde continuou a publicar seus trabalhos de importância crucial e a inspirar novas gerações de economistas? Precisamos retroceder aos tempos do antigo Império Austro-Húngaro, que naquela ocasião era a segunda maior unidade política da Europa. Somente a Rússia era maior, embora a população da Alemanha a superasse ligeiramente. Mises nasceu no dia 29 de setembro de 1881 na cidade de Lwów, na época chamada Lemberg, capital da região conhecida como Galícia. Reino pertencente à Coroa da Áustria, a Galícia era chamada de “Pequena Polônia”. Na época, a maioria dos habitantes da cidade eram poloneses; mais de um quarto eram judeus; uma pequena minoria era de ucranianos; e uma porcentagem ínfima era de oficiais austro-germânicos. Entretanto, nitidamente, as classes superiores eram polonesas.

A parte oriental da Galícia pertencera à Polônia desde o século XIV,



porém se tornou austríaca na primeira partilha da Polônia em 1772 e, posteriormente, devolvida à Polônia em 1918. É importante ter em mente para poder entender a formação, tanto cultural quanto psicológica de Mises, bem como as raízes de sua filosofia de vida, que as raízes judaicas, a cultura polonesa, o sistema e a fidelidade política austríacas, todas essas coisas estavam interligadas. A variedade foi a tônica elementar da sua prática cultural e, aos doze anos de idade, já sabia os alfabetos germânico, latino, cirílico, grego e hebraico. Quanto a línguas, falava alemão, polonês, francês e entendia ucraniano. No ano em que Ludwig nasceu, seu avô paterno Mayer Rachmiel von Mises (1800-1891) – líder da comunidade israelita – ascendeu à nobreza com o título de *Edler*, que significa “o nobre”, uma distinção não tão rara para judeus no Império Austro-Húngaro. Seu pai Arthur von Mises (1854-1903), um empreendedor muito próspero do ramo ferroviário, assegurou que Ludwig tivesse acesso ao melhor da educação clássica. Fez o mesmo pelo outro filho, Richard von Mises (1883-1953), que se tornou professor de Matemática na Universidade de Berlim e, posteriormente, na Harvard University.

Os poloneses desfrutavam de liberdade total na “pequena Polônia”, o que não ocorria na Rússia ou na Prússia, e tinham duas universidades próprias. No Parlamento Austríaco, em Viena, desempenhavam um papel muito importante como os verdadeiros sustentáculos do Império Habsburgo multinacional e muitos poloneses viam, nessa dinastia, os futuros governantes de uma Polônia livre e ressuscitada.

Devemos ter em mente que, muito antes da catástrofe das partilhas, os poloneses, como nação aristocrática, apoiavam com tenacidade a liberdade pessoal. Movimentos em prol da liberdade, de fato, foram realizados propriamente pela nobreza, que sempre se opôs ao controle e à pressão centralizadora. Vemos isso na Inglaterra com a *Magna Carta* em 1215, na Hungria com a *Bula Dourada* de 1222, em Aragão com os teimosos *Grandes* e na França com a Fronda, entre 1648 e 1653. No que diz respeito a isso, a Polônia foi mais longe; tornou-se uma monarquia eletiva em 1572 e chamava a si mesma de república. Um dos lemas dessa nobreza bastante independente era: “ameace os reis estrangeiros e resista

aos seus próprios"! O poder político estava com a nobreza, que (antes das partilhas) não possuía títulos, e seus requerentes constituíam um quinto da população (a título de comparação, temos a Áustria Alpina com um terço de um por cento, ou a Prússia, com muito menos!). Tratava-se de uma nobreza sem distinções legais e um provérbio dizia: "O nobre em sua casa de fazenda é igual ao magnata em seu castelo". Ademais, dado que todos os nobres eram iguais, não poderiam ser governados por maiorias. No parlamento, o *Sejm*, a oposição de um único homem – o *Liberum Veto* – anulava qualquer proposta de lei.

## I - UM SENSO DE LIBERDADE

Esse senso de liberdade também estava presente no cenário religioso. A Polônia nem sempre foi um país maciçamente católico. No século XVI, um terço da população era presbiteriana e outro terço era unitarista (socinianos), porém, a Igreja Católica reconquistou a ampla maioria, em grande parte, graças aos jesuítas e a seus esforços culturais: as escolas aceitavam alunos de todas as denominações. Além disso, apoiavam a boa arquitetura, a pintura e, sobretudo, o teatro (os jesuítas foram os iniciadores de nossa tecnologia de palco). Não havia inquisição, nem estacas ou enforcamentos. A Polônia era, em contraste com a Inglaterra, o país mais tolerante da Europa. A liberdade na Polônia era de tal modo que, em 1795, na última partilha, quando a cidade real livre polonesa de Danzig foi anexada à Prússia, seus cidadãos, na maior parte alemães luteranos, combateram com valentia por sua liberdade. Muitas das principais famílias emigraram, tal como os Schopenhauer, que foram para a cidade hanseática de Hamburgo.

Como ficaram os judeus? Tinham chegado à Polônia no século XIV, quando era uma região totalmente agrícola, convidados pelo rei Casimiro (1301-1370), o *Grande*, oriundos principalmente da Alemanha. Na Alemanha, tinham o *privilégio* de assentar-se em guetos, onde possuíam total autogoverno<sup>1</sup>. Já que pelas próprias prescrições rituais não podiam dar mais que dois mil passos no *Shabat*, não podiam residir muito longe da Sinagoga. Obviamente, houve esforços para

convertê-los e, caso aceitassem o batismo, tornavam-se automaticamente – como parentes de Nosso Senhor Jesus Cristo – membros da nobreza. Antissemitismo? Tal como em qualquer outra parte, ocorria entre pessoas muito simples, para as quais os descendentes de Abraão pareciam estranhos em seus rituais, vestimentas, linguagem e comportamento, embora os judeus ortodoxos, sobretudo, fossem pessoas de grande piedade e honestidade.

Os poloneses e a liberdade! Não a praticavam somente no próprio país; combatentes da liberdade poloneses eram ativos em muitas partes do mundo. Dois nobres sobrevivem na memória dos Estados Unidos: Tadeusz Kościuszko (1746-1817) e Kazimierz Pułaski (1745-1779), o único general norte-americano que morreu em solo americano durante a Guerra de Independência – tampouco devemos esquecer de Henryk Dembiński (1791-1864) e Józef Bem (1794-1850), que desempenharam um papel semelhante no Levante Húngaro de 1848-1849. Na Batalha de Legnica em 1241, os cavaleiros poloneses e alemães desviaram os mongóis das planícies do norte da Europa. Os poloneses derrotaram os turcos em 1683, nos portões de Viena, e, em 1920, derrotaram os bolcheviques no *front* de Varsóvia. Por três vezes, salvaram a Civilização Ocidental. O mundo reconhece isso? Claro que não!

A bagagem cultural polonesa, mais do que judaica, foi decisiva nos anos iniciais de Ludwig von Mises, entretanto, isso não conflitou com as ligações com a Áustria e a monarquia. De fato, encontrei Mises pela primeira vez em Nova York, na empresa de nosso antigo príncipe da coroa, o arquiduque Otto von Habsburg (1912-2011), uma pessoa a quem admirava enormemente.

O jovem Ludwig não estudou em uma das duas universidades de língua polonesa, a Universidade de Lwów ou a Universidade Jaguelônica, em Cracóvia, mas sim na Universidade de Viena. No entanto, para conseguir compreender sua evolução intelectual, é importante ter uma ideia de como o sistema continental de educação funcionava. É radicalmente diferente do padrão anglo-americano. Após quatro anos de treinamento básico, a pessoa ingressava – caso os pais fossem ambiciosos – em uma escola que remotamente assemelhada a uma combinação de

ensino secundário e universitário durante oito anos (na Alemanha, são nove).

Há três modelos desse tipo de escola: o modelo clássico, com oito anos de latim e seis de grego; o semiclássico, com latim e uma ou duas línguas modernas; e um que é mais científico, somente com línguas modernas. Em todos os três tipos (o clássico tendo, naturalmente, mais prestígio que os demais), a língua local, Matemática, Geometria, História, Geografia e Religião são matérias ensinadas de modo regular. Física, Química, Biologia e Mineralogia, só ocasionalmente; e há uma introdução à Filosofia no tipo clássico durante apenas dois anos. Era frequente que tais anos escolares muito rigorosos pairassem como uma nuvem sombria sobre as famílias. O fracasso em apenas uma matéria exigia a repetição do ano todo. Esse foi o destino de Friedrich Nietzsche (1844-1900), de Albert Einstein (1879-1955) e, também, de Friedrich August von Hayek (1899-1992)! O jovem Ludwig von Mises, obviamente, obteve a educação clássica: quanto às línguas modernas, aprendeu-as de maneira privada.

## II - ESTUDAR DIREITO

Após obter o diploma de bacharelado, Ludwig von Mises estudou Direito. Aqui, precisamos explicar o caráter das universidades continentais, que não tinham programas de graduação: eram pura e simplesmente escolas de pós-graduação. Tradicionalmente, apresentavam quatro escolas: Teologia, Direito, Medicina e Filosofia, sendo que esta última cobria uma multidão de disciplinas, quase todas pertencentes às humanidades. Os professores eram escolhidos pelos demais docentes, que constituíam um corpo que se autoperpetuava.

No continente, o estudo do Direito – antes e agora – era completamente distinto dos estudos jurídicos na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos. Os primeiros três semestres são dedicados por completo à História e Filosofia do Direito Civil e do Direito Canônico. Não é preciso dizer que, em nossos países, seguimos a tradição de um Direito Romano codificado. Estudos de casos não desempenham papel algum,

dado que precedentes não nos vinculariam de modo absoluto. Nas áreas mais práticas que se seguiam a essa longa introdução, o estudo da Economia era preponderante.

Mises considerava as aulas de Direito na Universidade de Viena como muito unilateral e, quanto ao ensino de Economia, com poucas exceções, estava abaixo da média. Ainda jovem, apresentava um senso bastante crítico. Estava demasiado ciente do fato de que nossas universidades, como corpos perfeitamente autônomos, eram financiadas pelo Estado, porém não controladas, estavam inevitavelmente dominadas por camarilhas e facções; nas indicações, e até mesmo laços familiares desempenhavam um papel considerável.

O reitor era chamado de Vossa Magnificência e as universidades eram tão sacrossantas que policiais não podiam entrar. Os criminosos que nelas se escondessem tinham de ser aprisionados pela Legião Acadêmica, composta por estudantes e, então, arrastados para fora, onde eram entregues ao “braço da lei”. A liberdade de ensino era ilimitada (“liberdade acadêmica” é um termo traduzido do alemão “*Wissenschaftsfreiheit*” ou “*Akademische Freiheit*”). Mesmo um professor que, em vez de lecionar, lesse jornais, não podia ser demitido. Cada professor tinha estabilidade no emprego até a idade de 65 ou 67 anos, quando precisava se aposentar com 82% de seu salário final. As qualidades docentes do professor não importavam: não era esperado que o professor fosse um educador, mas sim um acadêmico que proporcionasse aos estudantes a oportunidade de ouvi-lo. É óbvio que esse sistema apresentava sérias desvantagens, porém os professores, mesmo assim, possuíam um prestígio social imenso. De fato, nenhuma outra carreira era considerada tão desejável quanto a de professor universitário, exceto talvez o ingresso no corpo diplomático ou nos cargos administrativos.

### III - SER PROFESSOR

Menciono todos esses detalhes porque desempenharam um papel preponderante na vida de Mises. Como podemos imaginar, desde a

época de estudante, Ludwig tinha a ambição de se tornar um professor (o mesmo era verdade para seu irmão Richard). Ainda assim, o sonho de Ludwig nunca se concretizou por completo, nem na terra natal, nem no Novo Mundo. A principal razão era o domínio, nas universidades da Áustria, especialmente a de Viena, de duas facções: a Nacional Liberal e a Esquerda. Havia, também, uma pequena minoria de professores que podiam ser considerados Conservadores “Clericais”. É importante ter em mente, todavia, que o imperador Francisco José I (1830-1916), nítido representante de toda aquela era na Áustria, era Liberal no sentido amplo do termo (em oposição ao sentido norte-americano), e que os partidos liberais, durante muito tempo, dominaram o cenário austríaco até 1908, quando o princípio desastroso de “um homem, um voto” foi introduzido. O conservadorismo, na Áustria, passou a limitar-se à igreja, ao exército, à aristocracia e a parte do campesinato. Não exercia influência sobre a administração, nas escolas, e nem realmente nos tribunais.

#### IV - UMA SÍNTESE ESTRANHA

A síntese do nacionalismo étnico (alemão, tcheco, polonês, esloveno, italiano ou ucraniano) e o liberalismo clássico pode parecer um pouco estranha para os norte-americanos, porém era, sem embargo, uma realidade. Uma situação semelhante prevaleceu na Alemanha, onde Otto von Bismarck (1815-1898), originalmente conservador e um patriota prussiano, rompeu com os conservadores e recebeu apoio total do Partido Nacional Liberal, sustentado pelos interesses financeiros da *grande bourgeoisie*, grandes industriais e adeptos de uma forma moderada de Pangermanismo. Os nacional-liberais também eram motivados por um viés anticlerical direcionado contra os católicos e não contra o clero luterano. A *Kulturkampf* de Bismarck, sua luta contra a Igreja Católica que levou ao aprisionamento de bispos, a expulsão dos jesuítas e a introdução do casamento civil compulsório (imitando os franceses), encaixava-se muito bem nesse padrão. Obviamente, tudo isso não agradava aos conservadores prussianos, para quem Bismarck era um

homem da esquerda. É claro, o “Chanceler de Ferro” não era nem um pouco tradicionalista. A nova bandeira alemã, em acréscimo ao preto e prata da Prússia, apresentava o vermelho da revolução. Os conservadores prussianos, naturalmente, aferraram-se às antigas cores.

Na Alemanha, assim como na Áustria, duas áreas que, antes da Guerra Alemã-Prussiana de 1866, pertenciam à Liga Germânica liderada pela Áustria, os nacional-liberais eram, o que pode parecer bastante estranho, cultural e politicamente, embora não economicamente, liberais. Como nacionalistas, desejavam um Estado forte e, portanto, eram, por natureza, intervencionistas; para impedir o crescimento do socialismo, promoveram o Estado-provedor. Bismarck ora combatia os socialistas (que se autointitulavam Social-Democratas), ora cooperava com eles, especialmente nos últimos dias, quando Ferdinand Lasalle (1825-1864) ainda estava vivo, um homem odiado por Karl Marx (1818-1883), que o perseguiu com as piores ofensas antissemitas.

Esse fato precisa ser enfrentado: nossos liberais alemães eram, secretamente, adoradores do Estado, porque esperavam que um Estado poderoso pudesse romper com as “forças de antanho”. Assim, não eram, de maneira alguma, idênticos a, digamos, os liberais britânicos do tipo de William Ewart Gladstone (1809-1898). Desse modo, a situação, mesmo nas universidades austríacas, era a de que liberais e socialistas não estavam tão distantes. Ainda assim, ao mesmo tempo, também podemos perceber o crescimento de algum tipo de conservadorismo católico romântico que era anticapitalista, antiliberal e antissocialista. Este, buscava, desesperadamente, uma “Terceira Via” e, inevitavelmente, brincava com a ideia de um Estado baseado nas antigas corporações e nas guildas em vez de partidos. Sempre existiu um conservadorismo católico continental baseado em uma suspeita arraigada contra os produtores calvinistas e luteranos, bem como contra os banqueiros judeus (em 1930, dos dez membros do conselho do Banco da França, cinco eram protestantes, quatro eram judeus e um não tinha “denominação”). Daqui decorre, também, a oposição católica contra o “Antigo Liberalismo”. Isto pode ser visto claramente no octogésimo artigo do famoso *Syllabus Errorum* [*Sílabo dos Erros*]<sup>2</sup>.

## V - QUATRO ESCOLAS

Aqui, mais uma vez, precisamos entrar em outra digressão. Há quatro liberalismos genuínos<sup>3</sup>. O principal representante do Pré-Liberalismo é Adam Smith (1723-1790) – podemos acrescentar, também, o nome Edmund Burke (1729-1797). Os pré-liberais não empregavam esse rótulo pelo simples fato de que o termo nasceu somente em 1812, quando atribuído aos apoiadores da Constituição Espanhola de Cádiz. O termo liberal foi prontamente adotado na França. Em 1816, Robert Southey (1774-1843) utilizou a palavra espanhola *liberales* pela primeira vez em um texto em inglês e Sir Walter Scott (1771-1832) referia-se aos *libéraux* na forma francesa. Em pouco tempo, vimos a ascensão dos “Primeiros Liberais” no Continente, na maior parte aristocratas com raízes católicas, iniciando um movimento que durou até o final do século XIX. Alexis de Tocqueville (1805-1859), Charles de Montalembert (1810-1870) e John Emerich Edward Dalberg-Acton (1834-1902), o Lorde Acton, foram os principais representantes dessa fase, porém acrescento o nome de Jacob Burckhardt (1818-1897), um aristocrata agnóstico da Basileia. Essa segunda fase do liberalismo apresentava um caráter principalmente cultural e político, e não econômico. Os antigos liberais constituíram a terceira fase.

## VI - O LIBERALISMO DE MISES

É aqui que Ludwig von Mises, mais ou menos, pode ser encaixado. Os antigos liberais interessavam-se fortemente pela economia, mas também por assuntos culturais e políticos; eram “progressistas”, anticlericais e, em questões filosóficas, profundamente céticos e convencidos de que crenças dogmáticas conduzem, automaticamente, à intolerância. Muitas vezes (embora não sempre), não partilhavam dos sentimentos antidemocráticos dos primeiros liberais, apoiavam a separação entre Igreja e Estado e, não raramente, aliavam-se à França-Maçonaria (deísta).



O Novo Liberalismo ou Neoliberalismo apareceu somente após a Segunda Guerra Mundial. Os neoliberais inspiravam-se fortemente no liberalismo inicial e diferiam dos antigos liberais por simpatizarem muitíssimo com os valores cristãos, por terem maior tolerância a certa intervenção estatal e pela inclinação ao conservadorismo. Seu porta-voz mais eloquente foi Wilhelm Röpke (1899-1966). A ruptura entre os antigos e os novos liberais se tornou evidente em 1961, quando os neoliberais deixaram a Mont Pèlerin Society<sup>4</sup>. Entretanto, o que hoje é chamado de liberalismo nos Estados Unidos (e em nenhuma outra parte) opõe-se frontalmente a todas as formas de liberalismo e não passa de socialismo ralo. Os Estados Unidos, em sua condição de ilha gigantesca no oceano mundial, é vítima, com frequência, da perversão dos termos. Descrevi o triste destino do termo “Liberalismo” nos Estados Unidos em um ensaio publicado na *Intercollegiate Review*<sup>5</sup>. Para confundir mais ainda meus leitores, mencionarei o fato de que escrevo para um periódico polonês chamado *Stańczyk*, que se diz conservador, liberal e monarquista.

## VII - NACIONAL LIBERALISMO

Ainda assim, o tipo germânico de Nacional Liberalismo sustentava posições antiliberais e mercantilistas no domínio da economia. Refletindo o caráter coletivista do *Nationalismus*, nossa palavra para etnicismo, isso não é de surpreender. Qualquer coletivismo entra em conflito com o liberalismo genuíno. A antiga ordem, em nossa parte do mundo, era “vertical” e patriota, e não “horizontal” e nacionalista. Nossas dinastias, como regra, tinham origens estrangeiras, eram etnicamente heterogêneas e, com habitualidade, compreendiam casamentos com estrangeiros. O mesmo valia para a aristocracia. Com a poderosa ascensão das classes médias, tudo isso foi posto em xeque. E era óbvio que Ludwig von Mises não se sentia judeu, polonês ou alemão, mas austríaco. Com profunda ansiedade, olhava para o futuro, temendo a possibilidade de que o coletivismo – étnico e socialista – pudesse rasgar a monarquia em pedaços. Temeu que a monarquia dual fosse destruída,

que a área caísse sob o domínio de Berlim ou Moscou, ou que fosse particionada entre eles. Todos esses eventos ocorreram entre 1938 e 1945. A ameaça imediata, no entanto, era aquilo que *Sir Denis William Brogan* (1900-1974) e *Raymond Aron* (1905-1983) chamavam de “Segunda Guerra da Sucessão Austríaca”, que começou em 1914, fosse seguida por uma terceira, em 1939<sup>6</sup>.

## VIII - MISES FICA SÓ

Todos esses apavorantes eventos históricos foram encarados por Ludwig von Mises como pensador isolado. Nunca pertenceu por completo a um campo específico do conhecimento. Sempre foi uma cavilha quadrada em um buraco redondo, um fato que F. A. Hayek enfatizou em sua introdução às memórias de Mises, na obra intitulada *Erinnerungen*<sup>7</sup> [*Memórias*]. Disse que era sabido que judeus eram claramente intelectuais de esquerda de timbre socialista, também era sabido que judeus banqueiros e industriais defendiam a livre empresa, porém ali havia um pensador sólido que defendia uma doutrina verdadeiramente direitista e genuinamente liberal. Para piorar as coisas, Mises era, conscientemente, um nobre, um verdadeiro cavalheiro, que rejeitava qualquer comprometimento e que nunca dissimulava os pensamentos ou as convicções. Se alguém ou alguma coisa fosse patentemente estúpida, ele o dizia, e tampouco podia tolerar a covardia ou ignorância. Um homem com essas qualidades era suspeito para os filisteus que estavam tão bem representados nos diversos departamentos de nossas universidades. Assim, enfrentou dificuldades, até mesmo para se tornar um *Privatdozent* (professor assistente não pago) e, posteriormente, um *ausserordentlicher Professor* (chamemos de “professor associado não remunerado”). Nunca se tornou, por completo, um professor. A inveja, o velho cancro da Áustria (e não somente da Áustria), fazia-se sentir especialmente nos domínios da vida intelectual e artística – e isso incluía as universidades.

Além de estudar as Humanidades, Mises concentrou-se na Economia. Sem alguns fundamentos filosóficos, teológicos, psicológicos, históricos e

geográficos, a Ciência Econômica não é compreensível. O “economista” que não sabe nada além de finanças, produção e dados de vendas é, segundo Mises (e todos os seguidores da Escola Austríaca), um bárbaro – e um péssimo economista. Obviamente, o cenário austríaco, e em particular o vienense, mesmo durante a Primeira República, detentora do capital intelectual acumulado durante a monarquia, proporcionou a Mises uma rica herança. Também é óbvio que muitas mentes brilhantes não estavam relacionadas com o meio universitário. Sigmund Freud (1856-1939) tinha meramente o título honorário de professor, porém não exercia – o mesmo valia para seu antagonista, Alfred Adler (1870-1937). Freud era, politicamente, um homem da direita<sup>8</sup> – *vide* também seu juízo devastador acerca de Woodrow Wilson (1856-1924)<sup>9</sup>. Na Alemanha, a situação não era diferente. Nem Arthur Schopenhauer (1788-1860), nem Oswald Spengler (1880-1936) eram professores universitários.

## IX - O CENÁRIO INTELECTUAL VIENENSE

O cenário intelectual em Viena era rico, mais rico que em Berlim, porque Viena, até 1918, foi a metrópole de um império que compreendia uma dúzia de nacionalidades e seis grandes corpos religiosos<sup>10</sup>. A área germanófona não contava, no entanto, com um centro intelectual como a França – com a Universidade de Paris e a Sorbonne. A Universidade de Viena era apenas um dos muitos lugares de ensino superior, porém persiste o fato impressionante de que se falamos da “Escola Austríaca”, é necessário esclarecer o que se quer dizer por isso. Existe uma escola musical, etnológica, filosófica e, por último, mas não menos importante, uma Escola Austríaca de Economia conhecida por todo o mundo, com exceção da própria Áustria. Mises foi um dos representantes mais importantes desta Escola Austríaca, ao lado de Hayek.

## X - A CÂMARA DE COMÉRCIO

Diante da oposição que encontrou na universidade, Ludwig von Mises buscou um emprego estável na *Handelskammer*, a Câmara de Comércio semioficial. Após 1920, o governo austríaco se encontrava em grande parte nas mãos do Partido Social-Cristão, um partido clerical-conservador, que acabou por dar origem à ditadura de Engelbert Dollfuss (1892-1934) e à Frente da Pátria. Esse partido precisou enfrentar os socialistas internacionais e, posteriormente, os nacional-socialistas. Mises, como um agnóstico e liberal genuíno, não apresentava um entusiasmo inato pelos social-cristãos, mas, ao julgar desapassionadamente a situação precária da Áustria, sabia que um homem decente e responsável precisava colaborar com esse governo<sup>11</sup>. Como conselheiro econômico e financeiro, manteve contato próximo com o chanceler federal, o monsenhor Ignaz Seipel (1876-1932), a quem chamava de “um padre nobre”, um homem distinto que terminou assassinado a tiros por um socialista fanático (posteriormente, Dollfuss foi assassinado pelos nacional-socialistas). Os conselhos de Mises, em geral, eram acatados, porém, às vezes, ignorados. Tenhamos em mente que, nos anos de um governo clerical, esse intelectual aristocrata judeu era um “ponto fora da curva” que não se encaixava em nenhum padrão estabelecido.

## XI - A AMEAÇA DO SOCIALISMO

Ludwig von Mises tinha uma mente muito imaginativa, porém dada a situação da Primeira República, foi e permaneceu pessimista porque percebeu que vivia em uma época em que os apetites e o idiotismo das massas dominavam o cenário. A única vantagem que via na democracia era a mesma enfatizada por Sir Karl Popper (1902-1994), isto é, a transição não sangrenta de um governo para outro, embora Mises também soubesse muito bem que tal mudança poderia ser para pior, infinitamente pior, caso recordemos dos anos de 1932 e de 1933 na Alemanha. Lendo seu *Erinnerungen*, ficamos impressionados por seu menosprezo não somente para com o *Spiesser*, o filisteu, mas também pelas massas acéfalas. Não podemos nos esquecer de que, tal como Allan

Bloom (1930-1992) nos diz em *The Closing of the American Mind*<sup>12</sup> [*O Fechamento da Mente Norte-americana*], as mentes europeias de primeira categoria se encontravam sempre na Direita. Mises, naturalmente, não tinha ambições políticas, porém, como pensador independente, desejava ser ouvido. Sempre expressou seus pontos de vista de maneira direta, não tolerava a hipocrisia.

Na Primeira República, entre 1918 e 1933, testemunhou não somente a incompetência dos vários governos, a ameaça totalitária do socialismo, e o nacionalismo-racismo alemão degenerando no nazismo, mas também a ignorância sem fim e fraqueza das potências ocidentais, que não deram à pequena república alpina uma ajuda efetiva. O único protetor possível da Áustria era a Itália fascista que, diferentemente da França ou da Grã-Bretanha, fazia fronteira com os remanescentes da monarquia do Danúbio, porém Anthony Eden (1897-1977) conduziu Benito Mussolini (1883-1945) às mãos de Adolf Hitler (1889-1945). “Os britânicos são simplesmente incapazes de aprender!”, era uma reclamação frequente de Ludwig von Mises. Previu o *Anschluss* (abençoado pelas “democracias”) e, bem a tempo, aceitou um convite da *Institut de Hautes Études Internationales et du Développement* (IHEID) [Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais], uma escola de pós-graduação em Genebra, na Suíça, onde lecionou após 1934, embora ainda mantivesse contato com sua amada Câmara de Comércio em Viena. No entanto, mesmo em Genebra, não se sentiu completamente seguro e o governo suíço, apavorado com a agressividade do Terceiro Reich, tentou silenciar os refugiados que viviam no interior de suas fronteiras. Assim, o economista austríaco direcionou-se para as margens mais seguras do Novo Mundo, e conseguiu atingi-las durante a guerra.

## XII - MISES COMO PROFESSOR

Como era sua capacidade como professor? As aulas na Universidade de Viena eram bem frequentadas e dava ênfase, como naturalmente seria de esperar, em seu seminário. Porém a maior parte dos professores não gostavam de Ludwig von Mises, e um aluno cujos registros provavam

que tinha estudado com ele foi tratado com a maior severidade. Assim, alguns dos alunos pediram a Mises que os admitisse em seu seminário sem que, de fato, fossem registrados no *Index*, a caderneta. Não é necessário dizer que esses estudantes tímidos não recebiam “créditos” (para usar a expressão norte-americana) pelo seminário. Simplesmente desejavam se beneficiar da riqueza do pensamento desse gigante intelectual. As obras dos colegas, atualmente, encontram-se no esquecimento, porém o legado de Mises, a despeito de sua falta de popularidade, ainda vive, e assim será pelos tempos vindouros. Se aqueles que estão no poder seguirão seus conselhos e tomarão à sério as admoestações, isto é, por certo, uma questão totalmente diferente.

### XIII - O SEMINÁRIO PRIVADO

Além dos seminários oficiais assistidos por estudantes comuns, Mises, sempre ávido por difundir suas ideias, também mantinha um seminário privado. Em uma sala grande da Câmara de Comércio, a cada quinzena convidava um grupo de estudantes de pós-graduação e pessoas distintas, homens e mulheres, que posteriormente, em suas vidas, deixaram suas marcas no campo da economia e em outros domínios. Aqui, desejo mencionar Friedrich Engel von Jánosi (1893-1978), um notório historiador austríaco, que também lecionou em universidades norte-americanas. Entretanto, os três economistas mais conhecidos do grupo eram o já citado F. A. Hayek, Gottfried von Haberler (1900-1995) e Fritz Machlup (1902-1983), sendo que todos os três se tornaram, posteriormente, professores nos Estados Unidos. Hayek, quero destacar, não começou como economista, mas sim como biólogo. Participou no último ano da Primeira Guerra Mundial (tentando, assim como Mises, que foi gravemente ferido, ajudar a evitar que “o mundo ficasse seguro para a democracia”). Essa experiência transformou sua mente. Decidiu buscar uma carreira que o colocasse em contato com as pessoas, com a vida real, em vez de ficar isolado em um laboratório. Entretanto, como sabemos por intermédio de seus escritos, nunca desistiu de seus interesses

nas ciências rigorosas, assim como nas outras áreas das Humanidades, sobretudo a Ciência Política.

A Economia também pode ser colocada em uma torre de marfim, contudo, Mises se recusou a viver dentro de uma tal estrutura. Permaneceu solteiro por um longo tempo, desfrutando da vida social da Viena imperial e mesmo da vida mais desagradável da Viena republicana. O que Viena poderia oferecer a um homem tão culto como Mises? Havia uma pletora de autores como Arthur Schnitzler (1862-1931), Stefan Zweig (1881-1942) e Hermann Broch (1886-1951); compositores como Anton von Webern (1883-1945), Gustav Mahler (1860-1911), Alban Berg (1885-1935) e Arnold Schönberg (1874-1951); e filósofos como Rudolf Carnap (1891-1970), Moritz Schlick (1882-1936) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Max Weber (1864-1920) foi professor convidado em Viena e se tornou um amigo próximo de Mises. Também havia nomes tais como Robert von Musil (1880-1942), Rainer Maria Rilke (1875-1926), Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), pintores como Oskar Kokoschka (1886-1980), Gustav Klimt (1862-1918) ou Egon Schiele (1890-1918), e não podemos nos esquecer dos grandes médicos, muitos deles membros da nobreza, que desfrutavam, em Viena, de uma posição social que não existia em nenhum outro lugar. Na república, eram honrados nas moedas e nos selos. Em acréscimo, havia grandes entretenimentos: concertos de primeira classe, dois teatros de ópera, o *Burgtheater*, o teatro privado do imperador (que era totalmente acessível ao público), o *Theater inder Josefsstadt*, o teatro do repertório de Max Reinhardt (1873-1943), onde as peças mais originais eram encenadas, e muitos outros teatros subsidiados. Mises era um assíduo frequentador do teatro e, para ele, outras artes refinadas também eram muito importantes. Como um homem culto do continente, obviamente gostava de ler o que nós, na Alemanha, chamamos de *schöengeistige literatur* (e, na França, *belles lettres*) – não somente “ficção”. Quando encontrei Mises pela primeira vez, ele lamentou a morte de Robert von Musil durante seu exílio na Suíça. Posso entender por que Mises admirava a obra de Musil, uma alma semelhante e “muito austríaca”. Mises precisava das artes para compensar sua melancolia crescente

misturada com uma verdadeira indignação diante do colapso gradual da civilização ocidental e da cultura com que estava tão solidamente relacionado.

#### XIV - MISES NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos, Ludwig von Mises encontrou uma ressonância considerável nos círculos chamados conservadores e libertários. Sua carreira universitária, entretanto, foi prejudicada por mesquinhez e preconceitos semelhantes aos que já tinha encontrado em Viena – embora viessem de quadrantes totalmente distintos. Sem a ajuda de fundações generosas, suas condições de vida teriam permanecido bastante limitadas. É fato bem conhecido que livros acadêmicos de nível verdadeiramente alto não se tornam *best-sellers* – embora *Human Action: A Treatise on Economics*<sup>13</sup> [*Ação Humana: Um Tratado sobre Economia*], de 1949, tenha sido selecionado para o Clube do Livro do Mês.

Mises, como poderíamos esperar, tinha uma boa percepção do cenário norte-americano. Descobriu rapidamente as razões sócio-psicológicas que faziam com que o ambiente acadêmico norte-americano tendesse para a esquerda. Nos salões da academia, Mises parecia ser um pensador bastante excêntrico que trabalhava sob a “limitação germânica” de um modo de raciocinar extremamente sistemático, rígido e inflexível. Não estava, de fato, preparado para se “assimilar” ao entorno. Talvez não fosse apreciado em geral, mas tinha discípulos fiéis e, muito merecidamente, admiradores genuínos. Apregoava o individualismo e era um individualista. Aveso às vacilações, não se esforçava para ser popular, mas sim em viver em prol da verdade. Para muitos norte-americanos e ingleses, algumas de suas ideias pareciam hiperbólicas, como por exemplo a entrega dos correios à iniciativa privada (o que, hoje, é uma realidade em diversos países).

O economista austríaco não era um “companheiro comum”, mas sim um cavalheiro da velha guarda e, acima de tudo, um grande acadêmico que redescobriu verdades permanentes esquecidas e ridicularizou novas superstições. Nunca desistiu. Batalhou até seu último suspiro, em 10 de



outubro de 1973. Talvez ele se recordasse da primeira linha do Hino Nacional da Polônia, que ouviu com frequência durante a infância: “A Polônia ainda não está perdida”! Desde então, ela se reergueu das cinzas por duas vezes. Bom, a liberdade ainda não está perdida se nós, assim como Ludwig Edler von Mises, realmente lutarmos por ela.

# Prefácio à Edição Brasileira

*Antonio Paim*

**N**a época em que Ludwig von Mises (1881-1973) pronunciou a série de conferências reunidas neste volume, na década de 1950, encontrávamo-nos em plena Guerra Fria. Tratava-se de uma batalha que se desenvolvia em várias frentes. O autor entendia que, no país que a liderava do lado ocidental, os Estados Unidos, havia uma certa subestimação do papel das ideias. Assim, desenvolveu a sua exposição em duas frentes. De um lado, reuniu elementos comprobatórios da larga influência do marxismo alcançada no Ocidente e da virtual inexistência de uma crítica sistemática a esta doutrina. Do outro, analisou e refutação de suas teses centrais.

Partiu da tese de que a crítica às doutrinas econômicas de Karl Marx (1818-1883) se limitam à obra daquele que, ao lado do próprio Mises, é considerado um dos fundadores da Escola Austríaca de Economia: Eugen von Böhm-Bawerk (1851-1914), cujas teses foram expostas ainda na década de 1880. A aplicação dessa doutrina na Rússia e no Oriente mereceria, entretanto, uma atualização. No presente trabalho, Mises registra que os marxistas mais ortodoxos tentaram reavivá-las ou reformulá-las. Afirma que *“praticamente não havia nenhuma crítica sensata às doutrinas filosóficas de Karl Marx”*<sup>14</sup>.

Na visão de Mises, os Estados, os governos e os partidos conservadores nem sempre se opuseram ao socialismo. Pelo contrário, os funcionários de um governo apresentam tendência a um viés em favor da expansão do poder governamental; poderíamos até afirmar que existe uma “doença profissional” por parte do quadro geral do governo, para favorecer mais e mais atividades governamentais. Foi precisamente este